

# The Force of Non-Violence: não violência e resistência política por Judith Butler

Ana Luiza Braga Eliziário<sup>1</sup>

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2022v19n3p52-53

*Recebido em: 29 de abril de 2021  
Aprovado em: 28 de junho de 2021*

O presente texto propõe-se trazer uma resenha crítica do livro “The Force of Non-Violence: An Ethico-Political Bind” (ISBN 9781788732765) de Judith Butler, publicado em Londres pela Verso Books em 04 de fevereiro de 2020. Butler inicia em busca de uma definição para violência e não-violência, chegando à conclusão de que são termos extremamente disputados, apresentando diferentes definições atreladas.

A dificuldade está no fato de que definições instrumentais apresentam interesses políticos, servindo, até mesmo, à violência em si, pois encontram-se cerceadas por debates políticos e morais. Assim, propõe que uma análise ética deve estabelecer-se crítica do individualismo como base da política e da ética, considerando como os *selves* implicam sobre as vidas dos outros, a partir de um conjunto de relações que podem ser destrutivas ou apoio.

Outro fator levantado está nas diferentes formas que a violência é interpretada, socialmente, discursivamente, e através de percepções com o Estado como detentor do direito do uso da força, permitindo a criação de personagens performativos. O exemplo trazido está na opressão e violência física contra pessoas não

brancas nos Estados Unidos perpetrada por agentes do Estado.

Apesar de levar em conta a argumentação de que violência deveria ser utilizada como tática devido ao seu poder de influenciar transformações sociais e econômicas, defende que seria uma forma de negligência às dimensões éticas e normativas. Mesmo frequentemente lida como uma prática não realista ou ingênua perante à hegemonia e subjugação, a não violência deveria ser vista como técnica de resistência às desigualdades, garantia de solidariedade e afirmação de um igualitarismo radical.

Autopreservação e autodefesa, justificativas comuns para contra-violência e violência, trazem dois efeitos significativos: um ciclo contínuo de violência; e a noção de autodefesa legitimando diferentes personificações do *self*, incluindo nação, cultura, regime, ou, até mesmo, branquitude. Logo, sua lógica de não-violência assertiva e ativa traz uma crítica radical da individualidade, tal como a crença no valor igual de todas as vidas e seu direito ao luto.

Pode-se dividir o argumento trazido pelo livro em quatro argumentos menores: a necessidade de sociabilidade humana; questões éticas x

<sup>1</sup> Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, bolsista FAPEMIG. Mestra em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Contato: ana.elizario@sga.pucminas.br.

moral; possibilidade de agressão planejada dentro da lógica de não violência; igualdade como elemento central. Primeiro, ela discorre sobre a ideia de que seres humanos são seres relacionais e sociais, que necessitam da coletividade para seu desenvolvimento e sobrevivência material, criando um ambiente de interdependência. Devido ao fato de que a noção de individualidade é um elemento essencial para a lógica capitalista, ela faz com que os indivíduos desviem-se da necessidade da ação em prol do coletivo, o que geraria consequências à sociedade.

O segundo ponto está na diferenciação entre questões morais e éticas. O destaque do livro está na defesa de que a não-violência pouco tem a ver com moralidade, mas com uma ética societal que explica suas intenções e parâmetros. Tratando dentro de uma lógica moral, haveriam dois argumentos centrais: a preservação da vida e não destruir vidas. Porém, não poderia estar mais longe da lógica proposta: a não violência está na tentativa de eliminar da sociedade práticas e preconceitos que levam à perda da empatia pelos outros.

Ao tratar acerca de agressão planejada, a autora defende que a fúria pode ser direcionada ao perpetrador desde que sob a condição de não produzir ódio da mesma natureza ao qual se opõe. Não se trata do impedimento do uso da força, mas da defesa que seja feito de forma a impedir a criação de um ciclo de ódio.

Por fim, há a reflexão acerca do luto e quais vidas são merecedoras. Preconceitos como racismo, misoginia, homofobia, xenofobia, dentre outros, precisam ser combatidos em sua raiz, já que violência é discriminatória e toda vida importa.

Em *The Force of Non-Violence*, Judith Butler traz uma grande contribuição para se pensar vulnerabilidade, violência, resistên-

cia política e ética, trazendo para o campo da política e da filosofia uma reflexão sobre a renúncia do individualismo enquanto forma de resistência ao racismo e à violência sistêmica. É um livro publicado em momento histórico oportuno, que convida à reflexão a partir da ótica do indivíduo e do discurso. Entretanto há questionamentos que podem ser levantados da construção da argumentação.

Apesar de não ser a primeira teórica a tratar da questão da não-violência, o livro falha ao não trabalhar como atos não-violentos são percebidos como violentos pelo Estado, seja a partir da ótica da moralidade, segurança ou nacionalismo, o que leva à legitimação do uso do poder estatal como resposta. Um exemplo dessa dinâmica, apesar de posterior à construção do livro, é o diferente tratamento dado pelo governo estadunidense às manifestações do movimento *Black Lives Matter* em 2020 e aos protestos contrários à derrota de Donald Trump ocorridos no Capitólio no início de 2021.

Outra questão aqui levantada é que a autora não examina em quais condições práticas não-violentas desafiam estruturas de poder. Isso poderia ser feito através da análise de como essas práticas são aplicados em movimentos sociais e contra hegemônicos. Por fim, questiona-se, o emprego de conceitos como “igualitarismo radical”, que carece de aprofundamento no texto; assim como a forma contraditória escolhida para tratar sobre solidariedade, falhando em posicionar tal debate teoricamente.

## REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **The Force of Non-Violence: An Ethico-Political Bind**. Londres: Verso Books, 2020. ISBN: 9781788732765